

*Braz J Health, 2010; 1: 171-185*

## Estresse profissional na base SciELO

Occupational stress in SciELO database

Geraldina Porto Witter<sup>1</sup> Giovana Ardoino Paschoal<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Ciências; Livre-docente em Psicologia Escolar; Professora Emérita da UFPa, e Universidade Camilo Castelo Branco, São Paulo/SP, Brasil; (UNICASTELO), Coordenadora da Extensão e do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICASTELO e Membro da Academia Paulista de Psicologia, <sup>2</sup> Licenciada e Bacharel em Psicologia, Pesquisadora Junior.

### Resumo

O estresse profissional decorre das contingências vivenciadas pela pessoa e que estão relacionadas com o seu ambiente de trabalho. O objetivo foi verificar indicadores cientométricos do desenvolvimento de trabalhos sobre o estresse profissional, inseridos na SciELO até julho de 2009. Verificou-se que boa parte dos trabalhos tem títulos de tamanho adequado (38,9%), a autoria múltipla é predominante (98,2%), o estresse subjacente foi mais frequente em relação ao tema do trabalho (63,8%) e nos trabalhos de estresse profissional, os profissionais da saúde foram os mais pesquisados: enfermeiros (36,11%), médicos (22,22%), profissionais da saúde sem especificação (22,22%). É evidente que para se conhecer em profundidade o estresse profissional, há necessidade de estimular mais os estudos em que ele seja o foco principal.

**Palavras-chave:** burnout, análise cientométrica, psicologia do trabalho

### Abstract

The occupational stress result of contingencies experienced by the people and that relate to their work environment. The objective was to verify scientometric indicators of development of studies on professional stress, inserted in SciELO until July 2009. It was found that most of the works have titles appropriate size (38.9%), multiple authorship is predominant (98.2%), the underlying stress was more frequent in relation to the theme (63.8%) and on the studies of professional stress, health professionals were the most studied: nurses (36.11%), doctors (22.22%), unspecified health professionals (22.22%). It is evident that to know in depth the professional stress, there is the need to stimulate more studies that it is the main focus.

**Keywords:** burnout, scientometric analysis, organizational psychology

## Introdução

Estresse pode ser entendido como uma reação psicofisiológica complexa do organismo em resposta a algo que ameace sua homeostase, ou seja, surge diante da necessidade de lidar com algo que desequilibre internamente o indivíduo, algo que exija dele uma adaptação frente à nova situação experimentada (Lipp, 2004).

Segundo Colman (2001/2009), o estresse físico ou psicológico é uma tensão gerada por eventos difíceis de controlar ou manejar originados por contingências físicas, sociais, emocionais, econômicas ou ocupacionais. O mesmo autor considera, ainda, *estresse positivo* ou *distresse* como qualquer forma benéfica, usualmente associada com realização, completude. Assim, os fatores causadores do estresse podem ser tanto positivos, quanto negativos, como uma situação que irrite o indivíduo ou que o faça extremamente feliz, por exemplo, uma perda de emprego, um casamento ou nascimento de um filho. Como afirma Meleiro (2002), o estresse é necessário para a sobrevivência e para a reação normal do organismo, é ele que prepara o indivíduo para enfrentar um grande perigo ou reagir adequadamente a uma forte emoção.

De acordo com Lipp (2004), se apresenta em quatro estágios, ou fases, sendo o primeiro a fase de alerta, em que o organismo demanda mais energia frente a um desafio ou ameaça que tenha surgido, há

aumento da motivação e entusiasmo, o que pode acarretar uma maior produtividade; o segundo é a fase de resistência, na qual há grande utilização de energia para reequilíbrio do organismo, o que pode gerar sensação de desgaste e de falta de memória; em terceiro lugar, na fase de quase-exaustão, as defesas do organismo começam a ceder e já não se consegue resistir às tensões, podendo surgir doenças; por fim, na fase de exaustão, surgem sintomas semelhantes aos da fase de alerta, porém muito mais intensos, toda a resistência do organismo é quebrada, a depressão aparece devido à exaustão psicológica e também outras doenças, devido à exaustão física, podendo se chegar à morte.

Os fatores que causam o estresse são chamados estressores e podem ser de origem externa (situações a que a pessoa é exposta, como as citadas anteriormente, casamento e demissão) ou interna (percepção particular de cada um frente às experiências da vida), não sendo, assim, o estresse manifestado de forma semelhante e fixa em todos os indivíduos, mas variável, já que depende da subjetividade de cada um (Lipp, 2004).

Até há pouco tempo, acreditava-se em alguns mitos referentes ao estresse, como por exemplo, que o estresse fosse coisa de gente rica e adulta apenas; uma vez manifestado o estresse, a pessoa nunca mais seria o que era antes; trabalhar muito levava ao estresse; o estresse excessivo não poderia ser evitado; o

estresse era sempre ruim; entre outros. Com os estudos relativos ao problema, estes mitos foram e estão sendo, constantemente, repensados e hoje, já se sabe muito sobre suas causas, seus sintomas, tanto físicos quanto psicológicos, e os vários tipos de tratamentos possíveis.

Os tratamentos atuais vão desde os relacionados aos sintomas iniciais, da primeira fase do estresse – fase de alerta (mãos suadas, respiração ofegante, aceleração dos batimentos cardíacos, dor de cabeça etc), aos da quarta e última fase – exaustão (esgotamento psicológico e físico, depressão etc), sendo apresentados como relaxamentos físicos e psicológicos e revisão de conceitos, pensamentos e princípios, até o tratamento multidisciplinar (médicos, psicólogos) com uso de medicamentos e treinamentos específicos (Lipp, 1990, Lipp, 2004).

É comum ouvir estudantes universitários dizerem em tom de brincadeira que estão com estresse e muitos realmente se encontram dentro do perfil de sobrecarga emocional vivido por pessoas estressadas. O principal fator para isto está no excesso de atividades que eles tentam desempenhar. Faculdade, trabalho, família, cursos e outras atividades fazem parte da agenda de vários estudantes. O excesso de tarefas é sinônimo de um dispêndio muito grande de esforço mental e físico. Conseqüentemente, muitos apresentam queixas dos sintomas do estresse como fadiga, falta de memória, entre outros.

A procura por algum tipo de ajuda não é feita pela grande maioria dos alunos. Apenas alguns, através da prática de esportes, conseguem aliviar mais as tensões do seu dia-a-dia. Quanto às perspectivas dos universitários para o futuro, alguns acham que após a sua formatura as tensões tendem a piorar. E para estes, isso vai acontecer principalmente devido ao aumento das responsabilidades com o exercício da profissão, a falta de tempo e a concorrência do mercado de trabalho (Cerchiari, 2004).

Battiston, Cruz e Hoffmann (2006) definem a situação de trabalho como o ambiente na qual determinada tarefa será realizada e a forma como esta será executada, englobando os objetivos para qual tal atividade é desenvolvida. Todos estes aspectos podem, e geralmente isto ocorre, influenciar na satisfação ou insatisfação de um profissional em relação a seu trabalho, por isto, entre os fatores que se deve considerar na avaliação dos processos de saúde mental no contexto laboral, estão a características da organização e as condições de trabalho. Citando Seligmann-Silva (1995, apud Battiston, et al, 2006), os autores apontam que diferentes situações de trabalho podem produzir tensão, fadiga, medo e tristeza, além de outros efeitos psicológicos, no trabalhador. A partir daí, entendendo as diversas relações entre características das tarefas e tempo exigido para seu cumprimento, fica fácil compreender de onde

surgem muitas das tensões e desgastes mentais em trabalhadores.

Da mesma forma, estresse profissional decorre das contingências vivenciadas pela pessoa e que estão relacionadas com o seu ambiente de trabalho. Como o trabalho é uma área multidisciplinar para a pesquisa, não é de estranhar que pesquisadores de várias áreas se dediquem ao tema. Como aponta Meleiro (2002), a maior parte do tempo e da energia das pessoas é ocupada pelo trabalho, também, seu papel é de fundamental importância, já que é comum alguém ser conhecido por aquilo que faz ou pela categoria de trabalho a que pertence.

Dentre os aspectos geradores do estresse psicológico no contexto do trabalho, encontram-se: a carga de trabalho inadequada e a falta de estímulo, o ambiente hostil e o relacionamento conflituoso com colegas ou autoridades, a ambiguidade de funções e a falta de controle sobre as tarefas ou decisões, a sobrecarga cognitiva e a falta de apoio por parte de supervisores, companheiros de trabalho ou familiares (Battiston, et al, 2006). Os problemas biopsicossociais decorrentes do estresse profissional tendem a agravar-se com o tempo, podendo ter consequências muito graves, gerando, inclusive, erros, faltas e prejuízos para a qualidade de vida dos que partilham o mesmo espaço de trabalho (Lipp, 2004, Lipp, 2009).

Persistindo o estresse profissional, pode surgir, também, a chamada síndrome de burnout, que pode ser entendida como a

resposta emocional ao estresse ocupacional crônico ou à exaustão emocional no trabalho com pessoas. Apresenta-se em três dimensões, relacionadas, mas independentes, que são a exaustão emocional, a despersonalização e a falta de envolvimento no trabalho. Desta forma, o burnout leva ao aumento constante da sensação de esgotamento de recursos psicológicos e energia para atender a clientes ou colegas de trabalho e de não ser mais capaz de lidar com seus próprios problemas, trazendo frustração, insensibilidade emocional e sentimentos e atitudes negativas em relação ao próprio trabalho e às pessoas com quem convive neste contexto. Outro aspecto causado pela síndrome é que o trabalhador passa a se enxergar de forma negativa e perde o interesse e satisfação por seu desenvolvimento pessoal e profissional. Quanto às suas manifestações sintomatológicas, no âmbito físico, observa-se fadiga constante, dores musculares e distúrbios do sono e do apetite; no psíquico, falta de atenção, ansiedade e alterações da memória; no comportamental, negligência no trabalho, irritabilidade, incapacidade de concentração, cumprimento irregular do horário de trabalho, bem como das pausas para descanso; e no defensivo, isolamento, queda na qualidade do trabalho e cinismo (Maslach & Jackson, 1981, Jodas & Haddad, 2009, França, 2010).

Ainda não parece claro que a luta pela saúde no trabalho seja a luta pelo lugar do

prazer no trabalho que se realiza. Dado complexo, como é a questão da saúde mental no trabalho, verifica-se a discussão ainda no campo acadêmico, sendo a reivindicação à saúde mental circunscrita ao indivíduo, e desmerecida nos contratos de trabalho. Assim, como propõe Souza (1992), o passo seguinte é enfatizar as questões sobre as relações corpo, organização do trabalho e os aspectos biopsicológicos do trabalhador.

A psicologia do trabalho é, segundo Colman (2001/2009), um amplo guarda-chuva que compreende ramos como a psicologia ocupacional, a psicologia organizacional e a psicologia do trabalho. Em todas elas, a preocupação com o estresse ou com o distresse sobre o trabalhador e seus efeitos nele próprio e na produção, devem ocupar os que atuam neste contexto. Battiston, et al (2006) aponta a psicologia do trabalho como campo de estudo construído a partir da necessidade de compreensão das diversas condutas humanas sob diferentes condições de trabalho, o que gerou a possibilidade de estruturação dos modelos de investigação dos processos psicológicos envolvidos e, daí em diante, vem evoluindo até ser possível avaliar os efeitos da tarefa desenvolvida sobre a saúde do trabalhador.

As mudanças de valores que ocorrem na sociedade, bem como os discursos e modelos propagados pelo mercado em relação à formação do cidadão pela escola, acarretam diversas conseqüências no ambiente acadêmico, afetando também, o

profissional de ensino (Campos, 2002). Atribuições impostas ao professor como, além das próprias classes, os trabalhos administrativos, os planejamentos, investigações e atualizações, orientações a pais e alunos, as atividades extra-escolares, reuniões de coordenação e de pais, que intensificam o fazer do docente, gerando sobrecarga de trabalho e redução do tempo disponível para si, para o lazer e a família e, até mesmo, para sua qualificação, são apontadas como fortes estressores desta profissão e possíveis geradores de burnout (Carlotto & Palazzo, 2006). Em seu estudo com professores de particulares de uma cidade do Rio Grande do Sul, as autoras encontraram, também, como fatores associados ao burnout, relatados por estes professores: as expectativas familiares, o mau comportamento de alunos e a falta de participação nas decisões institucionais. Apontam, ainda, que a visão que os pais e a sociedade de um modo geral estabelecem desse profissional, avaliando-o e cobrando-o de forma severa, mostrou-se diretamente ligada ao mecanismo defensivo de despersonalização e exaustão emocional apresentados por estes professores.

Em relação aos profissionais da saúde, o próprio ambiente hospitalar é apontado como estressor. Sobretudo, por trabalhem em contato direto com a morte, estes trabalhadores tem sido sujeitos de constantes investigações acerca dos efeitos do estresse e/ou do burnout. Contudo, a

necessidade de se pesquisar, com a finalidade de desenvolver medidas preventivas e modelos de intervenção, é apontada pelos autores que se dedicam a estudar o assunto nesta área profissional (Fogaça, Carvalho, Cítero e Nogueira-Martins, 2008, Jodas e Haddad 2009).

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é verificar os indicadores cientométricos do desenvolvimento de trabalhos inseridos em uma base bibliográfica, focando título, autoria, temática, profissional estudado e temas correlatos.

## Método

### Material

A base bibliográfica escolhida para análise foi a SciELO (Scientific Electronic Library Online - <http://www.scielo.br/>) e caracteriza-se por abranger uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, disponíveis em formato eletrônico. Tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica, sendo resultado de uma parceria entre FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), também, contando com o apoio do CNPq (Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

### Procedimento

A razão da escolha decorreu do fato dela aglutinar e veicular, predominantemente, a produção nacional. O período escolhido para a coleta foi do início do estabelecimento da base até 29 de julho de 2009, quando foi efetivada a busca, tendo por referência a expressão *estresse profissional*. A análise focou dados objetivos, resultantes de contagem de ocorrências, mesmo assim, em caso de dúvida a questão era discutida pelas pesquisadoras até se alcançar um consenso, mas raramente isto ocorreu, tendendo a ocorrer mais no gênero dos pesquisadores responsáveis pelo trabalho.

## Resultados

Foram localizados na base 36 trabalhos, o que pode ser considerado um indício de baixa produção na área específica.

Inicialmente, foram avaliados os títulos, já que há parâmetros internacionais quanto à matéria, que se espera sejam seguidos pelos autores. O número de 12 vocábulos é o ideal, mas é considerado adequado ficar entre 11 e 14. Os dados obtidos aparecem na Tabela 1. Foram idênticas as ocorrências nas classes  $< \text{ou} = 10$  e de 11 a 14, cada uma com 38,9% dos trabalhos analisados, a categoria  $> 14$  ficou com 22,2%. Para verificar se havia diferenças estatísticas entre as três categorias, recorreu-

se ao teste de  $\chi^2$  ( $H_0: \chi^2 = 0$ ,  $H_a \neq 0$ ,  $p \leq 0,05$ ,  $ngl = 2$ ,  $\chi^2_c = 5,99$ ). Do cálculo resultou  $\chi^2 = 1,99$ , ou seja, inferior ao valor crítico que viabilizou a conclusão de não haver diferença entre as categorias. Este resultado é indício da necessidade de maior cuidado dos autores ao atribuírem títulos aos seus trabalhos.

**Tabela 1.** Análise dos Títulos: Extensão (vocábulo)

Categoria	F	%
< ou = 10	14	38,9
11 a 14	14	38,9
> 14	8	22,2
Total	36	99,0

Outra variável relevante em cientometria é a autoria. Espera-se que haja contribuição equitativa de ambos os gêneros e que os trabalhos resultem, predominantemente, de grupos de pesquisa, tendo por conseguinte, autoria múltipla (Witter & Paschoal, 2010).

Os dados obtidos aparecem na Tabela 2, que apresenta a contribuição individual e múltipla. Em gênero acrescentou-se a categoria *não identificado* para os casos em que as autoras não conseguiram, pelo nome, constatar qual o gênero do autor. Por exemplo, no trabalho de Nogueira-Martins e Jorge (1998), em que só aparecem as iniciais dos autores, não sendo possível afirmar se são do gênero masculino ou feminino.

Os percentuais foram feitos levando em consideração os subtotais e o total geral.

Verificou-se que a ocorrência dá uma perspectiva mais promissora, com apenas dois trabalhos de autoria única, sendo ambos assinados por mulheres (1,7). Do total de autorias (114), o predomínio foi de pessoas envolvidas em grupos de pesquisa (98,2%), sendo desnecessário qualquer cálculo. Na autoria múltipla também predominou o gênero feminino (71,4%). Comparando-se, no todo, a produção por gênero, obteve-se  $\chi^2_o = 11,92 > \chi^2_c = 3,84$  ( $ngl = 1$ ,  $p \leq 0,05$ ), indicando ser significativa a maior participação das mulheres como produtoras.

Embora a busca fosse feita por *estresse profissional*, ao analisar os trabalhos, constatou-se que, de fato, nem sempre o eixo do trabalho ou seus objetivos eram realmente voltados para o foco da presente análise. Após uma análise geral dos artigos, decidiu-se definir duas categorias básicas para análise de seu conteúdo:

*Estresse Profissional* – quando o foco principal do artigo era a ocorrência do estresse em qualquer profissional. Como exemplo, tem-se o trabalho de Trigo, Teng e Hallak (2007), em que se realizou uma revisão bibliográfica em diversas bases de dados (SciELO, MedLine, American Psychiatry Association, Organização Mundial da Saúde entre outras) sobre a síndrome de Burnout no Brasil e em outros países, considerando alguns fatores, dentre eles as consequências para o indivíduo e para a organização em que trabalha, não especificando nenhuma classe profissional.

*Estresse Subjacente* – quando o profissional em si era o foco primordial e o estresse era apenas uma dentre outras variáveis secundárias no estudo, ou lembrado como tendo possíveis efeitos não pesquisados no trabalho. O trabalho de Camargo e Bueno (2003), por exemplo, trata do lazer e a vida além do trabalho para uma equipe trabalhadores de um hospital-escola que integra um time de futebol da associação recreativa desta unidade. O estresse aparece no trabalho como um fator subjacente a ser minimizado pela prática da atividade de lazer.

A análise dos trabalhos resultou no apresentado na Tabela 3.

Verificou-se que como foco principal do trabalho, isto ocorreu em 36,2% dos trabalhos, sendo mais frequente o subjacente (63,8%). Entretanto, estatisticamente não houve diferença entre as duas categorias, já que  $\chi^2_o = 2,78 < \chi^2_c = 3,84$  (ngl = 1,  $p \leq 0,05$ ). É evidente que para se conhecer em profundidade o estresse profissional, há necessidade de estimular mais os estudos em que ele seja o foco principal.

O estresse especificamente do tipo profissional mostrou ser maior preocupação com a sua ocorrência entre profissionais da saúde: enfermeiros (36,11%), médicos (22,22%), profissionais da saúde sem especificação (22,22%) e outras de frequência mais baixa, ou seja, é muito limitado o rol de profissões foco de estudos específicos.

No estresse subjacente inclui outras variáveis como principais e uma análise destas variáveis mostrou uma grande dispersão, embora a mais frequente tenha sido as condições gerais de vida no trabalho (18,75%).

Considerando que apenas 13 referências realmente eram trabalhos produzidos tendo por objetivo estudar o estresse no trabalho, decidiu-se fazer uma síntese comentada de cada um, com destaque para o tipo de trabalho, delineamento e conclusões.

A grande maioria dos trabalhos, focando estresse ou seu estágio mais avançado (burnout), elegeu para participantes recursos humanos da saúde. Apenas um focou outro profissional. Trata-se de uma pesquisa descritiva epidemiológica com análise quantitativa, tendo por participantes professores, em que Carlotto e Palazzo (2006) buscaram identificar o nível de ocorrência de burnout e relacioná-lo com variáveis demográficas, laboriais e fatores estressantes percebidos no trabalho. Foram participantes 190 professores a que aplicaram um questionário e o *Maslach Burnout Inventory*, que tem uma escala com alternativas (N=6) para o participante responder a cada item. Das dimensões do burnout, a mais forte foi a exaustão emocional, seguida de diminuição da realização pessoal no trabalho e, por último, a despersonalização. Estes problemas não se associaram a características



sociodemográficas dos participantes. Características de trabalho (carga horária e número de alunos) relacionaram-se com exaustão emocional. Estresse gerado por mau comportamento dos alunos, perspectivas das famílias e pouca participação nas decisões institucionais foram responsáveis pelo desenvolvimento da síndrome pesquisada.

**Tabela 3.** Tema Estresse Subjacente e Profissional

Categoria	F	%
Estresse Subjacente	23	63,8
Estresse Profissional	13	36,2
Total	36	100

Feliciano, Kovacs e Sarinho (2005) trataram do burnout em profissionais dos serviços de pronto-socorro pediátrico de cinco unidades públicas de saúde. A pesquisa é descritiva, compreendendo a análise descritiva das falas dos participantes ocorridas durante uma entrevista com roteiro sobre vários aspectos de caracterização pessoal, condições de trabalho, opiniões pessoais e emoções sobre atendimento. Participaram 37 médicos e sete enfermeiras, em cargos de chefia e três médicos, em unidades de emergência do sistema único de saúde. Os discursos dos três tipos de participantes foram analisados qualitativamente por três avaliadores que buscaram “núcleos de sentido” em relação aos temas estudados. Não há informação se foram avaliações independentes ou não, só

conjunta, se todos os registros ou que percentual do mesmo foi feito para estabelecer o grau de fidedignidade e confiabilidade das avaliações e, conseqüentemente, dos resultados. Buscaram nas respostas os componentes do burnout: exaustão emocional, falta de envolvimento pessoal e despersonalização. A partir das falas dos participantes (nenhuma avaliação objetiva), concluem que tem alto nível de estresse, insatisfações diversas, sofrimento e emoções indicativas de burnout.

O trabalho de Jodas e Haddad (2009) consistiu em uma pesquisa com delineamento descritivo e tratamento quantitativo, planejada para verificar a ocorrência de sinais e sintomas preditores de burnout entre profissionais da área da enfermagem. Participaram sete enfermeiros e 54 técnicos e auxiliares de enfermagem (total 61), que responderam a um questionário autoaplicável sobre características pessoais e o *Maslach Burnout Inventory* (já citado anteriormente). Os resultados mostram que 8,2% tiveram altos índices de sinais de burnout e 37,7% baixo índice de ocorrência. Não foram totalmente explicitados os resultados do teste U, mas com base nele, as autoras informam a importância do reconhecimento e valorização do trabalho pela Instituição.

**Tabela 2.** Análise da autoria: gênero e número

Categoria	F	% Parcial	% Total
<b>Individual</b>			
Masculino	0	0	0
Feminino	2	100	1,7
Não identificado	0	0	0
Subtotal	2	100	1,7
<b>Múltipla</b>			
Masculino	29	25,9	25,4
Feminino	80	71,4	70,1
Não identificado	3	2,7	2,6
Subtotal	112	100	98,2
Total Geral	114		100

Trigo, Teng e Hallak (2007) fizeram uma revisão bibliográfica em meta-análise, tendo o cuidado de realizar o levantamento em bases bibliográficas relevantes para a área da saúde. Estabeleceram como parâmetros temporais o período de 1985 até 2006. Utilizaram na busca vários termos e expressões, cruzando-as entre elas e com burnout e estresse. Um critério básico foi o de que o trabalho deveria estar relacionado com algum transtorno psiquiátrico. Organizaram tabelas descritivas sem qualquer quantificação sobre as dimensões: organizacionais, individuais, trabalho e sociedade. Também fazem uma análise descritiva qualitativa das relações entre burnout e depressão, ansiedade, suicídio, dissociação, transtornos psicossomáticos, demência, retardo mental, psicose e persona-

lidade. Resumem em poucas linhas os resultados dos trabalhos que enfocaram estas relações. Chegaram à conclusão de que existem muitas incertezas e há necessidade de mais pesquisas, mas não foi feito nenhum tratamento estatístico em relação aos dados descritivos, como hoje é esperado, ou análise de indicadores de produção como aspectos metodológicos, redes de cientistas e outros indicadores de produção (Poblacion, Witter, Silva, 2006).

Tendo por participantes 297 plantonistas em unidades de terapia intensiva, Barros, Tironi, et al (2008) estudaram condições de trabalho e síndrome de burnout. Os participantes, que atuavam nessas condições por 12 horas semanais, responderam a um inventário sobre o burnout. A prevalência da síndrome ocorreu em 63,3% da amostra, sendo mais frequente

entre os mais jovens, sem especialização em terapia intensiva e com carga de trabalho elevada. O estudo é descritivo e não foi além da descrição isolada das variáveis, não foi feito, nem mesmo, cálculo de correlação ou qualquer associação entre elas.

Na Revista Brasileira de Educação Médica, Loureiro, McIntyre, Mota-Cardoso e Ferreira (2009), ligados a duas universidades portuguesas, publicaram um trabalho sobre fontes de estresse acadêmico entre estudantes de Medicina. É um trabalho de desenvolvimento do instrumento Inventário de Fontes de Estresse Acadêmico no Curso de Medicina (IFSAM). As características psicométricas foram testadas em 261 estudantes dos seis anos do curso de Medicina. A validade do constructo resultou em cinco fatores: exigências do curso, exigências humanas, estilo de vida, competição e adaptação. Isto indica uma boa representatividade do constructo (54,8%), sendo o coeficiente de consistência interna de 0,88, o que permite seu uso em outros cursos na área.

O artigo de Nogueira-Martins e Jorge (1998) é uma reflexão, com base na literatura, sobre o estresse que ocorre na Residência Médica. Enfocam os aspectos relativos à morbidade psicológica e psiquiátrica dos residentes, síndrome do estresse, carga de trabalho, privação do sono e distúrbios cognitivos, depressão, licenças e afastamentos. Concluem que a literatura confirma ser estressante a atividade de

residência. Não há uma análise cientométrica dos resultados, o que pede cautela nas conclusões.

Um dos trabalhos específicos sobre estresse é o de Fogaça, et al (2008), já referido na introdução. Trata-se de trabalho de cientometria, com análise descritiva, em que os autores descrevem metodologicamente as bases e critérios adotados, com levantamento de 1990 a 2007, tendo localizado apenas 18 artigos sobre condições de trabalho em terapia intensiva neonatal e pediátrica como potencial estressor de médicos e de enfermeiros. Entre os resultados, destaca-se que os efeitos psicológicos foram dominantes. Entretanto, a análise dos dados foi apenas qualitativa e o estudo não apresenta evidências.

O estresse profissional do enfermeiro em suas várias ocupações é o tema do artigo de Stacciarini e Tróccoli (2001). Os objetivos do trabalho foram analisar o conceito de estresse para o enfermeiro, identificar os estressores em suas atividades ocupacionais e averiguar se a atividade ocupacional é percebida pelo participante como estressante. A amostra aleatória de 33 enfermeiros do serviço público e do ensino superior respondeu a um instrumento específico e a uma entrevista, com as seguintes partes: caracterização pessoal, conceito de estresse, estressores vivenciados no trabalho, aspectos vivenciados no trabalho relacionado com o estresse. Foi feita uma análise qualitativa das respostas, só a caracterização dos

participantes mereceu análise quantitativa. De acordo com a análise das autoras, na opinião dos participantes, não conceituam claramente o que seja estresse, mas relatam conviver com estressores no trabalho, são eles: características intrínsecas, relações no trabalho, estrutura organizacional e papéis estressores.

Embora escrito em inglês e publicado em uma revista paulista, o texto *Cognitive and emotional effects of occupational stress in nursing professionals* é produto do trabalho de um grupo da Universidade Estadual Paulista (Paschoalini, Oliveira, Frigério, Dias & Santos, 2008). Os resultados dizem respeito aos dados colhidos junto a 66 profissionais atuando em nove setores de um hospital público. Responderam a um instrumento de mini-avaliação de estado mental, inventário sobre depressão, inventário sobre ansiedade, teste de fluência verbal e ao inventário de estresse para enfermeiros (escala de 5 pontos para avaliação de 44 itens), resultando num total de 44 a 220 pontos, quanto maior a pontuação, maior nível de estresse. A análise estatística recorreu a ANOVA, MANOVA e correlação. A maioria dos participantes considera a profissão estressante, o estresse não foi homogêneo nas várias áreas de atuação, houve associação entre depressão e estresse e baixos resultados cognitivos. Concluem pela necessidade de atendimento à saúde dos profissionais desta área.

Bianchi (2000) apresenta estudo quase experimental quantitativo sobre a condição do estresse entre enfermeiros (N= 116) de diversas instituições: aberta (56%) e fechada (44%). Usou um questionário que implica também em uma escala, além da coleta de características dos participantes. Os enfermeiros da instituição aberta tenderam a apresentar índices superiores de estresse.

Rodrigues e Chaves (2008) realizaram trabalho redigido em inglês e publicado na Revista Latino-Americana, sediada em Ribeirão Preto (SP – Brasil), sendo ambas vinculadas a instituições paulistas. Procuraram identificar os fatores estressantes a que estão expostos os que atuam em enfermagem oncológica e como são enfrentados. Participaram 77 enfermeiras com, pelo menos, um ano na área. Responderam a um questionário e ao Fokman and Lazarus Coping Strategies Inventory. Foi feita análise estatística (teste de Cronbach) que no caso de ser igual ou superior a 0,70, pode ser considerada uma relação adequada à situação. De oito fatores, só três se mostraram apropriados: fuga-esquiva, solução de problema e reposicionamento positivo. A morte é a situação mais estressante.

Os fatores estressantes e como são enfrentados pela equipe de enfermagem que atua em centros cirúrgicos constituem o quadro estudado por Schmidt, Dantas, Marziale e Laus (2009). Trabalharam com 211 profissionais de enfermagem

(enfermeiros, técnicos, auxiliares e atendentes) de 11 hospitais, que responderam a um questionário e a uma escala de estresse do trabalhador (tipo Likert, de cinco pontos), com 17 itens. A escala permite classificar o participante em áreas de alta exigência (muita demanda e baixo controle pessoal), trabalho ativo (alta demanda e alto controle), trabalho passivo (baixa demanda e baixo controle) e trabalho de baixa exigência (baixa demanda e alto controle). O primeiro é o de maior potencial para estresse e o último considerado não estressante. O estudo descritivo, ou de levantamento da ocorrência do fenômeno, e os dados foram analisados quantitativamente. A demanda mostrou-se estatisticamente associada ao estresse. Controle foi associado a tipo de instituição, tipo de profissional e carga horária semanal.

## Referências

1. Barros, D. de S., Tironi, M. O. S., Nascimento Sobrinho, C. L., Neves, F. S., Bitencourt, A. G. V., Almeida, A. M., Souza, Y. G. de, Teles, M. S., Feitosa, A. I. R., Mota, I. C. C., França, J., Borges, I. G., Lordão, M. B. de J., Trindade, M. V., Almeida, M. B. T., Marques Filho, E. S. & Reis, E. J. F. B. dos. (2008). Médicos plantonistas de unidade de terapia intensiva: perfil sócio-demográfico, condições de trabalho e fatores associados à síndrome de burnout. *Revista Brasileira de terapia intensiva*, (20)3, 235-240. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-507X2008000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2008000300005&lng=pt&nrm=iso)
2. Battiston, M., Cruz, R. M. & Hoffmann, M. H. (2006). Condições de trabalho e saúde de motoristas de transporte coletivo urbano. *Estudos de Psicologia*. (Natal), 11(3), 333-343. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2006000300011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000300011&lng=pt&nrm=iso)
3. Bianchi, E. R. F. (2000). Enfermeiro hospitalar e o stress. *Rev. esc. enferm. USP*, 34(4), 390-394. Disponível em:

## Conclusões

Dos indicadores de desenvolvimento da produção, pode-se concluir que há ainda que se ter maior cuidado na elaboração dos títulos para atingir padrões melhores, mas a tendência está na direção correta. Quanto à autoria múltipla predominante, pode-se concluir que é um bom indício de potencial para desenvolvimento da área, mas é preciso estimular a inclusão de mais autores nos grupos de pesquisa. Também é evidente a necessidade de dar mais atenção à ocorrência de estresse em outras profissões que não a área da saúde.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342000000400011&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342000000400011&lng=pt)

4. Camargo, R. A. A. de & Bueno, S. M. V. (2003). Lazer, a vida além do trabalho para uma equipe de futebol entre trabalhadores de hospital. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(4), 490-498. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692003000400012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000400012&lng=pt&nrm=iso)
5. Campos, V. L. (2002). *Imagens da Profissão Professor*. Caderno de Educação. Editora Unigranrio.
6. Carlotto, M. S. & Palazzo, L. dos S. (2006). Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Caderno de Saúde Pública*, 22(5), 1017-1026. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2006000500014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000500014&lng=pt&nrm=iso)
7. Cerchiari, E. A. N. (2004). *Saúde Mental e Qualidade de Vida em Estudantes Universitários*. 283f. Dissertação (Doutorado), FCM – UNICAMP, Campinas.

8. Colman, A. M. (2001/2009). Oxford Dictionary of Psychology. Oxford, UK: Oxford University Press.
9. Feliciano, K. V. de O., Kovacs, M. H. & Sarinho, S. W. (2005). Sentimentos de profissionais dos serviços de pronto-socorro pediátrico: reflexões sobre o burnout. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., 5(3), 319-328. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292005000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000300008&lng=pt&nrm=iso)
10. Fogaca, M. de C., Carvalho, W. B. de, Citero, V. de A. & Nogueira-Martins, L. A. (2008). Fatores que tornam estressante o trabalho de médicos e enfermeiros em terapia intensiva pediátrica e neonatal: estudo de revisão bibliográfica. Rev. bras. ter. intensiva, 20(3), 261-266. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-507X2008000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2008000300009&lng=pt&nrm=iso)
11. França, F. M. (2010). Estudo sobre Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem em dois hospitais de médio porte no município de Cáceres – Mato Grosso. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em [http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/8650/1/2011\\_F1%C3%A1viaMariadeFran%C3%A7a.pdf](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/8650/1/2011_F1%C3%A1viaMariadeFran%C3%A7a.pdf)
12. Jodas, D. A. & Haddad, M. do C. L. (2009). Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. Acta paul. Enferm., 22(2), 192-197. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002009000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002009000200012&lng=pt&nrm=iso).
13. Lipp, M. E. N. (Org.) (1990). Como enfrentar o stress. São Paulo, SP: Ícone, 3ª ed.
14. Lipp, M. E. N. (Org.) (2004). O Stress no Brasil: pesquisas avançadas. Campinas: Papyrus.
15. Lipp, M. E. N. (Org.) (2009). Sentimentos que causam stress: como lidar com eles. Campinas: Papyrus.
16. Loureiro, E. M. F., McIntyre, T. M., Mota-Cardoso, R. & Ferreira, M. A. (2009). Inventário de Fontes de Estresse Acadêmico no Curso de Medicina (IFSAM). Rev. bras. educ. med, 33(2), 191-197. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000200005&lng=pt&nrm=iso)
17. Maslach, C. & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. Journal of Occupational Behavior, 2, 99-113. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.4030020205/pdf>
18. Meleiro, A. M. A. da S. (2002). O stress do professor. In M. E. N. Lipp (org) (2002), O stress do professor, pp. 11-28. Campinas, SP: Papyrus.
19. Nogueira-Martins, L. A. & Jorge, M. R. (1998). Natureza e magnitude do estresse na Residência Médica. Revista da Associação Médica Brasileira, 44(1), 28-34. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42301998000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42301998000100006&lng=pt&nrm=iso)
20. Paschoalini, B., Oliveira, M. M., Frigério, M. C., Dias, A. L. R. P. & Santos, F. H. dos. (2008). Cognitive and emotional effects of occupational stress in nursing professionals. Acta paul. Enferm., 21(3), 487-492. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002008000300017&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000300017&lng=pt).
21. Población, D. A., Witter, G. P. & Silva, J. F. M. da (org.). (2006). Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara Editora.
22. Rodrigues, A. B. & Chaves, E. C. (2008). Stressing factors and coping strategies used by oncology nurses. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 16(1), 24-28. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692008000100004&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000100004&lng=pt)
23. Schmidt, D. R. C., Dantas, R. A. S., Marziale, M. H. P. & Laus, A. M. (2009). Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. Texto contexto – enferm., 18(2), 330-337. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072009000200017&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000200017&lng=pt).
24. Souza, A. L. (1992). Saúde Mental e Trabalho: dois enfoques. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 20(75), 65 – 71.
25. Stacciarini, J. M. R. & Tróccoli, B. T. (2001). O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 9(2), 17-25. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692001000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000200003&lng=pt&nrm=iso)
26. Trigo, T. R., Teng, C. T. & Hallak, J. E. C. (2007). Síndrome de Burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Revista de Psiquiatria Clínica, 34(5), 223-233. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832007000500004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500004&lng=pt&nrm=iso)
27. Witter, G. P. & Paschoal, G. A. (2010). Ensino a Distância: produção e áreas de aplicação. In A. de J. Rodrigues. (org) (2010), Educação a distância: formação de professores e recursos didáticos, pp. 81-92. São Paulo: Factash Editora

Recebido em: 31/08/2011  
Aceito em: 01/07/2012

**Endereço para Correspondência:**

Geraldina Porto Witter, Universidade Camilo Castelo Branco, Rua Carolina Fonseca 584, Itaquera, São Paulo, SP, CEP 08230-030, Brasil. Fax: 55 (11) 2070-0000. E-mail: [gwitter@uol.com.br](mailto:gwitter@uol.com.br)